

**“Tocávamos tudo!<sup>1</sup>...” - Modernidade e cosmopolitismo nas práticas  
musicais das Tunas do séc. XX – o papel das casas de música na  
disseminação e massificação de repertórios.**

Rui Filipe Duarte Marques

Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro  
Instituto de Etnomusicologia: Centro de Estudos em Música e Dança, pólo de Aveiro  
[rfdmarques@gmail.com](mailto:rfdmarques@gmail.com)

**Abstract**

Tuna's activity conquered significance in the scope of Portuguese amateur musical life in the course of 20<sup>th</sup> century. This text focuses in the study of the repertoires performed by two different *Tunas* of Portuguese central region, during the decades of 1930 and 40. Due to the convergences in what concerns to performed musical genres, it must be understood what were the mechanisms that led to some level of repertoire's massification, and particularly what was the role of the stores of musical instruments and scores in the democratization of amateur musician's access to music that reached popularity in this period.

Palavras-chave: tuna; repertórios; massificação; performance.

**Introdução**

Quando, no início de 2011, iniciei um conjunto de pesquisas preliminares junto da Tuna Souselense (Souselas, concelho de Coimbra), no âmbito do Programa Doutoral em Música, no Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, pude constatar a existência de algumas semelhanças com um outro grupo, a Tuna Penalvense (Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital), com o qual tenho vindo a colaborar, enquanto maestro, desde 2005. Estas similitudes ocorrem principalmente ao nível dos repertórios praticados no

---

<sup>1</sup> Expressão retirada de uma entrevista ao Sr. António Costa, antigo elemento da Tuna Souselense.

decurso das décadas de 30 a 40 do século XX. De facto, observa-se a existência de géneros, compositores e arranjadores comuns a ambos os grupos musicais. Por outro lado, o percurso de ambas as Tunas, ao longo do século XX, é marcado por fenómenos idênticos: assiste-se, em ambos os casos, à desagregação dos grupos, fruto de desacordos entre os seus músicos, à sua transformação em *Jazzes* (grupos de quatro ou cinco elementos que tocam repertórios em voga), e a uma notória intersecção com a actividade das bandas filarmónicas, com as quais permutam músicos e importam géneros e instrumentos musicais.

De acordo com a pesquisa efectuada, o contacto entre as Tunas referidas só viria a ter lugar na primeira década do século XXI. Desta forma, impõe-se uma questão pertinente, do meu ponto de vista: como explicar a presença de repertórios, géneros musicais, compositores e arranjadores semelhantes nas tunas de Souselas e Penalva de Alva, separadas geograficamente por cerca de 90Kms e, nas décadas em estudo, por difíceis acessos? Em que medida a construção do repertório destas tunas enforma e condiciona a sua actividade performativa, conduzindo a metamorfoses idênticas na sua constituição instrumental?



Figura 1 – Tuna Souselense, 1910 (espólio da Tuna Souselense)



**Figura 2 – Tuna Penalvense, c. 1940 (espólio da Tuna Penalvense)**

Neste texto, parto da análise dos espólios de partituras das tunas de Souselas e de Penalva de Alva, assim como da investigação acerca do papel de editoras e casas de venda de partituras na massificação de um determinado tipo de repertório, no decurso das décadas de 30 e 40 do século XX. Os dados apresentados sustentam-se em pesquisas efectuadas nos espólios dos grupos referidos e em entrevistas realizadas junto de ex-elementos de ambos os grupos e do proprietário da casa *Olimpio & Medina*, loja de partituras e instrumentos musicais situada em Coimbra.

Desta forma, pretendo contribuir para o conhecimento dos processos de constituição dos repertórios de grupos musicais amadores, em particular das tunas. Pretendo também perceber qual o papel das editoras e lojas de partituras no que diz respeito à potenciação da intersecção entre os géneros e repertórios em voga nestas décadas (ligados ao teatro ou ao cinema, e difundidos através da rádio) e as práticas musicais das tunas.

Este estudo pretende dar um contributo para o conhecimento das práticas musicais das tunas, agrupamentos musicais caracterizados por um dinamismo e plasticidade exemplares, onde se cruzam músicos com diferentes formações e formas de expressão musical, e que se revelam um texto e um contexto privilegiado para a compreensão da experiência e oportunidades criadas pela performance musical, enquanto tempo-oficina onde se constroem teias de

significações, se negociam lugares e se experimentam novas ordens sociais (Pestana, no prelo; Frith 1996).

### **1. Joaquim Simões Pleno (1908-2001) – compositor e maestro**

No decurso da pesquisa junto de ex-elementos da Tuna Souselense, foi-me referido frequentemente o nome de Joaquim Simões Pleno, quer enquanto maestro do grupo, quer na qualidade de compositor e arranizador. Este nome é também indicado por ex-elementos da Tuna Penalvense, que o identificam enquanto importante compositor nas décadas de 30 a 50 do século XX. Aparecem, de facto, diversas partituras assinadas por Pleno no espólio da tuna referida. Impõe-se, desta forma, perceber quem foi Joaquim Pleno, e qual terá sido a sua influência, aparentemente transversal a ambos os grupos em análise.

Nascido em Santana (Figueira da Foz), Joaquim Simões Pleno iniciou os seus estudos musicais com o seu pai, Manuel Maria Simões Pleno. Com apenas 18 anos, e na sequência de um acidente do seu pai, assume a regência da Filarmónica Pampilhosense. No decurso da sua vida, foi maestro de diversas bandas filarmónicas na zona centro do país (Liceia, Arazede, Barcouço, S. João de Areias e Pampilhosa), bem como das tunas de Souselas e Francisca (Cantanhede). Exerceu actividade enquanto compositor da casa *Olímpio & Medina*, em Coimbra, tendo-se dedicado à escrita de centenas de composições originais e arranjos. A sua vasta obra encontra-se espalhada por toda a região centro, quer assinada com o seu nome próprio, quer com o seu pseudónimo, *Talarosa* (junção do nome das suas duas filhas, Natália e Rosa). Parte da sua obra foi cedida por Olímpio José Victor, actual proprietário da casa *Olímpio & Medina* ao Museu de Etnomúsica da Bairrada (Troviscal, Oliveira do Bairro).

### **2. Disseminação e massificação de repertórios – o papel da casa *Olímpio & Medina* na vida musical de grupos amadores**

Numa entrevista realizada em 2007, Casimiro Sancho (nesta altura bandolinista na Tuna Penalvense), refere que, nas primeiras décadas de existência da tuna (fundada em 1937), as partituras eram compradas na já referida casa *Olímpio & Medina*, em Coimbra, na qual Joaquim Pleno exercia actividade enquanto

compositor. Questionado acerca da forma como o repertório do grupo era escolhido, Casimiro Sancho revela que as partituras eram pedidas ao *compositor do Olímpio* (sic): “A gente ia lá, escolhiam-se [as músicas] e o *Olímpio mandava o Pleno compor para a Tuna. O Pleno orquestrava para o que a gente lhe pedia*”.

À luz desta informação, e dada a transversalidade da marca de Pleno nas tunas referidas, revelou-se imprescindível compreender o *modus operandi* da casa *Olímpio & Medina* no que se refere à produção e disseminação de repertórios musicais. As informações recolhidas junto de Olímpio José Vítor, actual proprietário da referida casa de música (continuador do projecto de vida do seu padrinho, Olímpio Medina, contemporâneo de Joaquim Pleno), permitem uma melhor compreensão deste processo.

Com efeito, Joaquim Pleno esteve, durante as décadas de 30 a 50 do século XX, associado à conhecida loja de música de Coimbra, onde dispunha de um gabinete, no qual trabalhava nas suas composições e instrumentações. A escolha das peças era feita pelos clientes da loja, que encomendavam partituras e partes instrumentais para os seus grupos. De acordo com os entrevistados, a música de teatros de revista e de filmes, divulgada pela rádio, seria alvo de uma maior procura por parte dos grupos amadores em actividade nas décadas em análise. Tal facto reflectir-se-ia na constituição dos repertórios de ambos os grupos.

A publicidade da loja *Olímpio & Medina*, inscrita no papel pautado comercializado, permite inferir que os grupos entregariam frequentemente a organização do seu repertório aos serviços da loja. Deste facto poderá decorrer uma determinada standardização dos repertórios e, conseqüentemente, das práticas performativas de grupos musicais amadores.

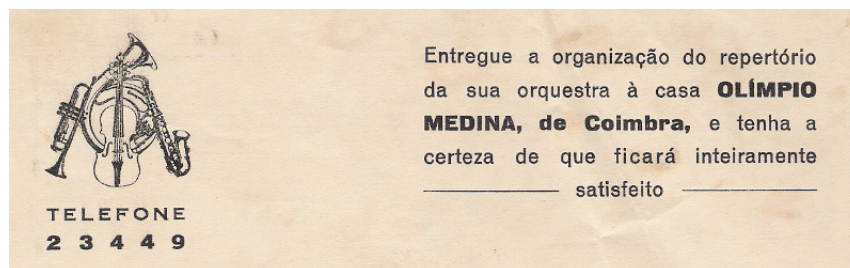


Figura 3 – Publicidade da casa *Olímpio & Medina*, inscrita no papel de pauta comercializado.

O compositor J. Pleno ocupava-se da transcrição das músicas encomendadas, assim como da sua instrumentação, feita de acordo com as características e exigências dos grupos que recorriam à loja. No espólio da Tuna Penalvense aparecem algumas partes instrumentais, normalmente para violino ou bandolim (instrumentos responsáveis pela interpretação das melodias principais), no verso das quais se encontram mensagens destinadas à casa *Olímpio & Medina* - pedidos de orquestração para os restantes instrumentos, acompanhadas, por exemplo, de encomendas de cordas.

Paralelamente, Pleno compunha temas originais, que aí eram postos à disponibilidade dos clientes da loja. Os testemunhos recolhidos nas entrevistas realizadas permitem perceber que a actividade de Pleno seria bastante intensa. A existência de um catálogo de consideráveis dimensões, que contém a lista das composições e transcrições disponíveis na loja, permite inferir que esta actividade não seria algo de ocasional. O processo de multiplicação das partituras e partes revela-se e revelador da intensa procura de repertório por parte dos músicos e grupos musicais da região centro do país.

De acordo com as informações recolhidas junto de Olímpio José Vítor, o compositor Joaquim Pleno desempenhava o seu papel de compositor e orquestrador da loja durante todo o dia. Ao final da tarde, chegava à loja um grupo de 10 “tropas-copistas”<sup>2</sup>, militares do Quartel de Infantaria 23 de Coimbra, que tratavam de multiplicar as partituras escritas por Pleno durante o dia. A casa *Olímpio & Medina* dispunha de uma sala apetrechada com 10 secretárias, que configuravam um espaço análogo à linha de montagem idealizada por Henry Ford – com as mesas de trabalho dispostas em linha, cada copista encarregar-se-ia da transcrição de uma determinada parte instrumental, passando a folha ao copista seguinte.

De acordo com o entrevistado, a distribuição das partituras era frequentemente assegurada através dos serviços de correio, e a remuneração dos copistas

---

<sup>2</sup> Assim designados durante uma entrevista informal ao Sr. Olímpio José Vítor, na casa *Olímpio & Medina*, em Coimbra.

feita de acordo com a quantidade de pautas copiadas. O testemunho do Sr. Casimiro Sancho permite confirmar esta informação:

Quando a gente lá ia, dizíamos que era só para bandolins, porque se dizíamos que era para banjo, ele cobrava a dobrar! E o banjo é a mesma coisa, a música é igual para os dois, está a ver?!<sup>3</sup> (entr. 2007).

Esta perspectiva de *produção em série* aplicada à reprodução de partituras pode contribuir para compreender as razões que parecem ter conduzido a uma massificação da música dos países da América Latina, assim como dos repertórios associados ao teatro de revista e ao cinema. A pesquisa efectuada nos espólios das Tunas atrás referidas revela que uma parte significativa do repertório seria composta de géneros de música latina, como o Samba, o Tango, o Maxixe ou a Rumba. São ainda frequentes as Marchas, associadas a filmes difundidos durante a década de 30.

O intenso processo operado pela casa *Olímpio & Medina*, no que concerne à transcrição, orquestração e reprodução em série das músicas em voga nos anos 30 e 40 do século XX, pode ser entendido enquanto potenciador da massificação dos repertórios referidos. De facto, as editoras e casas de venda de partituras desempenham um importante papel neste contexto, ao permitirem a músicos amadores o acesso à performance das músicas em voga.

Mais do que ouvir, através da rádio, os êxitos da música nacional e estrangeira, coloca-se agora aos músicos amadores, geralmente ligados a tunas ou a bandas filarmónicas, a possibilidade de interpretar um repertório mais “moderno” e cosmopolita. A massificação dos repertórios e géneros referidos em formato de música escrita confere uma maior centralidade ao músico amador, transferindo-o da esfera do ouvinte, para a do *performer*, colocando-o, desta forma, no centro da actividade musical.

---

<sup>3</sup> Nesta altura, quer os executantes de bandolim, quer os de banjo, tocavam as mesmas melodias, que designavam “parte cantante”, por oposição ao “contracanto”, destinado a instrumentos de tessituras mais graves, como a bandola, por exemplo.





## **Referências biográficas**

Castelo-Branco, Salwa El-Shawan, Dir. (2010) – *Enciclopédia da Música em Portugal no Século XX* (4 volumes). Lisboa: Círculo de Leitores/ Temas e Debates

Frith, Simon (1996) - “*Music and Identity*” - *Questions of Cultural Identity*. London: SAGE Publications. (108-127).

Lopes, Machado e Lopes, Noémia (2010) – *Monografia da Tuna Souselense*. Souselas: Tuna Souselense.

Pestana, Maria do Rosário (no prelo) “De anjos a mulheres’: O coro feminino ‘Pequenas Cantoras do Postigo do Sol’ um estudo de caso”. *Faces de Eva*. 8/Maio.

## **Entrevistas**

António Costa, ex-elemento da Tuna Souselense. Coimbra, Fevereiro de 2011.

Casimiro Sancho, ex-elemento da Tuna Penalvense. Sede da Sociedade Recreativa Penalvense, Penalva de Alva, Abril de 2007.

Olímpio Vítor, proprietário da casa *Olímpio & Medina*. Coimbra, Fevereiro e Março de 2011.

## **Notas biográficas**

Rui Marques iniciou os seus estudos musicais no Conservatório de Música de Coimbra, em Piano e Bandolim. Licenciado e mestre em Educação Musical pela Escola Superior de Educação de Coimbra. Doutorando em Música, área de Etnomusicologia, no Dep. de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro, colabora em projectos de investigação no INET-MD, Pólo de Aveiro.